

Análise do rap social como discurso político de resistência / *Analysis of Social Rap as a Political Discourse of Resistance / Análisis del rap social como discurso político de resistencia*

*Leslie Colima**

*Diego Cabezas***

RESUMO

Há um interesse acadêmico crescente ao respeito do rap e da Cultura Hip Hop desde a sociolinguística, a etnografia, os estudos culturais e pedagogias críticas. No entanto, a pesquisa feita a respeito do rap a partir da perspectiva da análise do discurso político não é tão ampla e no contexto chileno, em particular, é escassa. Nessa mesma linha, o presente estudo teve como objetivo identificar as escolhas linguísticas dentro da música rap *Dónde Empieza* do ano 2012, escrita e interpretada pelos rappers chilenos Portavoz e Subverso, e relacionar tais escolhas com as funções estratégicas do discurso político. Para isso, foi utilizado o modelo de análise do discurso político criado por Chilton e Schäffner (2001). Os resultados mostraram que neste discurso político de resistência foram usadas as estratégias de coerção, legitimação-deslegitimação e resistência, oposição e protesto; e que a função de encobrimento é excluída.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso político; Rap social; Resistência; Análise do discurso político; Funções estratégicas

ABSTRACT

*There has been a growing academic interest in rap and in hip hop culture from Sociolinguistics, Ethnography, Cultural Studies, and Critical Pedagogies. However, research on rap from the perspective of political discourse analysis is not so profuse and in the Chilean context, in particular, is limited. In this line, the present study aimed to identify the linguistic choices in the 2012 rap song *Dónde Empieza*, written and performed by Chilean rappers Portavoz and Subverso, and to relate these choices to the strategic functions of political discourse. To do this, a model of political discourse analysis created by Chilton and Schäffner (2001) was used. The results showed that in this political discourse of resistance, strategies of coercion, legitimization-delegitimization, and resistance, opposition and protest are used and that the function of dissimulation is excluded.*

KEYWORDS: *Political Discourse; Social Rap; Resistance; Political Discourse Analysis; Strategic Functions*

* Universidad de Santiago de Chile – USACH, Santiago, Chile; janita.colima@gmail.com

** Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación – UMCE, Santiago, Chile; diego.cabezas.b@gmail.com

RESUMEN

*Existe un creciente interés académico en el rap y en la Cultura Hip Hop desde la sociolingüística, la etnografía, los estudios culturales y las pedagogías críticas. Sin embargo, la investigación que se ha realizado sobre el rap desde la perspectiva del análisis del discurso político aún no es tan profusa y en el contexto chileno, particularmente, es escasa. En esta línea, el presente estudio tuvo por objetivos identificar las elecciones lingüísticas dentro de la canción de rap *Dónde Empieza*, del año 2012, escrita e interpretada por los raperos chilenos Portavoz y Subverso, y relacionar dichas elecciones con las funciones estratégicas del discurso político. Para ello, se utilizó el modelo de análisis del discurso político creado por Chilton y Schäffner (2001). Los resultados mostraron que en este discurso político de resistencia se emplean las estrategias de coerción, legitimación-deslegitimación y resistencia, oposición y protesta; y que la función de encubrimiento es excluida.*

PALABRAS CLAVE: Discurso político; Rap social; Resistencia; Análisis del discurso político; Funciones estratégicas

Introdução

O discurso político adquire grande importância nas dimensões sociais e políticas, uma vez que é um meio que permite a manutenção da ordem estabelecida, ou a sua ruptura. De fato, várias estratégias são implementadas por aqueles que produzem este tipo de discurso para atingir seus objetivos. Embora vários estudos sobre o discurso político tenham sido feitos nas últimas décadas (BOLÍVAR, 2002, 2007; CHILTON Y SCHÄFFNER, 2001, 2002; VAN DIJK, 2004, 2005), e outra quantidade considerável de abordagem acadêmica tenha sido realizada no que diz respeito ao Hip Hop e o rap (ALIM, 2006a, 2006b; DIMITRIADIS, 2001; PARDUE, 2004, 2005; PENNYCOOK, 2007a, 2007b; PERRY, 2004; RICHARDSON, 2006), o rap, na sua qualidade de discurso político de resistência, requer de mais atenção e pesquisa, especialmente no que respeita ao contexto chileno.

Perante esse cenário, a presente pesquisa aborda o rap a partir da perspectiva do discurso político, com uma abordagem metodológica qualitativa e situa-se nos níveis descritivos e interpretativos. Como hipótese, argumentamos que a música rap *Dónde Empieza* do ano de 2012, escrita e interpretada pelos rappers chilenos Portavoz e Subverso, na sua qualidade de discurso político de resistência, tende ao dismantelamento da ordem social estabelecida. Os objetivos deste trabalho são, portanto, a) identificar as escolhas

linguísticas de Portavoz y Subverso na música rap *Dónde Empieza* e; b) relacionar as escolhas linguísticas deles com as funções estratégicas de discurso político. Para fazer isso, foi usado o modelo de análise do discurso político criado por Chilton e Schäffner (2001), que propõe uma análise linguística em três níveis: pragmático, semântico e sintático, níveis diretamente relacionados com as funções estratégicas que caracterizam o discurso político: coerção; encobrimento; legitimação e deslegitimação; resistência, oposição e protesto.

Na primeira parte deste trabalho abordamos questões teóricas essenciais sobre o discurso político, o rap e o modelo de análise. Na segunda parte, descrevemos a metodologia utilizada para obter os resultados. Na terceira parte, analisamos um fragmento da música rap *Dónde Empieza*, e expomos uma discussão dos resultados obtidos. Finalmente, apresentamos nossas conclusões a partir dos resultados e as projeções da pesquisa.

1 Marco Teórico

1.1 Discurso político

O conceito Discurso Político (DP) tem sido definido tradicionalmente como o discurso produzido desde a esfera política e, mais especificamente, por aqueles que estão no poder: os políticos, seus grupos e instituições (DORNA, 1993; PUNTAJE Y MORALES, 1996; VAN DIJK, 2005; BOLÍVAR, 2007). Subjacente a essa ideia, está o fato de o DP constituir um instrumento linguístico-ideológico usado pelas autoridades para exercer e manter a sua posição dominante. Assim, a importância dele reside essencialmente no dito por Bolívar “do discurso político dependem muitas decisões que afetam a nossa vida diária no âmbito social, económico, moral e também afetam a vida no país em que vivemos” (2002, p.310; nossa tradução)¹.

O DP representa uma “luta discursiva em que são permitidas determinadas pancadas (manipulação, proselitismo, ameaças, promessas) e o desafio de ganhar legitimidade

¹ No original: “del discurso político dependen muchas decisiones que afectan nuestra vida cotidiana en lo social, lo económico, lo moral, y afectan también la vida en el país en el que vivimos”

através da construção de opiniões” (MEYENBERG y LUGO, 2011, p.6; nossa tradução)². Essa luta discursiva, portanto, envolve dois polos em tensão constante que disputam o poder; por uma parte, aqueles que querem se perpetuar como dominantes, e por outra, aqueles que procuram escapar da sua condição de dominados. Nas palavras de Fairclough, “aqueles que praticam o poder através da linguagem devem estar constantemente envolvidos em uma briga com os outros para defender (ou perder) a sua posição” (1989, p.35; nossa tradução)³.

Diante desta conceitualização um pouco limitada, é necessário redefinir o conceito de DP, considerando que não é território exclusivo da cena política. Em particular, seguimos a proposta de Chilton e Schäffner, que estabelece como políticas todas “aquelas ações (linguísticas ou não) que envolvem o poder ou o seu oposto, a resistência” (2001, p.304; nossa tradução)⁴. Gutiérrez (2002) estabelece uma distinção ainda mais clara, e apresenta a abordagem restritiva versus a abordagem extensiva do DP. Por uma parte, a abordagem restritiva está relacionada com o discurso que provém do marco político e institucional, num sentido tradicionalista; já a abordagem extensiva, inclui os discursos onde o poder está em jogo e há intenção política, sem necessariamente serem emitidos desde a institucionalidade (GUTIERREZ, 2002). Filiamo-nos àquela visão mais ampla, a abordagem extensiva, e salientamos que o DP refere-se tanto ao discurso emitido do círculo político como a todo aquele gerado por setores ou grupos contrários e resistentes à hegemonia do referido círculo.

1.2 Rap social

Desde o começo, o que tem caracterizado o rap - e a Cultura Hip Hop da qual faz parte - é condição de marginalidade, pois surge a partir de um segmento social oprimido e segregado, que acarreta fortes estigmas sociais. Portanto, por estar inserido dentro de uma

² No original: “lucha discursiva en la cual se permiten ciertos golpes (manipulación, proselitismo, amenazas, promesas) y el reto de conquistar legitimidad mediante la construcción de opiniones”

³ No original: “those who exercise power through language must constantly be involved in a struggle with others to defend (or lose) their position”

⁴ No original: “those actions (linguistic or otherwise) that involve power, or its inverse, resistance”

estrutura sócio-política desigual, e lutar contra as injustiças criadas por este sistema, o rap é uma forma de resistência orientada à “trans(formação) das realidades locais” e globais, através de “práticas linguísticas” (ALIM, 2009, p.11; nossa tradução)⁵.

Dentre os tópicos abordados pelo rap está a política institucional, profundamente exposta e criticada devido à sua tendência ideológica em favor de grupos sociais poderosos. O termo “rap politicamente consciente” (ROTH-GORDON, 2009, p.64; nossa tradução)⁶ veio definir este tipo de rap; por uma parte, solidário com os(as) dominados(as), e por outra, de confronto com a violência estrutural exercida pelos grupos de poder. Pardue (2005) identifica esta forma de rap como marginal, pois provém de grupos segregados social e politicamente que denunciam em voz alta “as causas institucionais da violência e do sofrimento nas suas comunidades” (ROTH-GORDON, 2009, p.66; nossa tradução)⁷; em outras palavras, procura “transformar a realidade através da oposição ao sistema” (PARDUE, 2004, p.253; nossa tradução)⁸. Podemos dizer que este rap politicamente consciente e marginal (rap social, como é chamado pelos e pelas rappers no Chile) é uma luta ideológica na dimensão sócio-política, cuja articulação é possível a través da linguagem.

É importante salientarmos que a luta ideológica da qual falamos não consiste num discurso caótico, ou precário, pelo único fato de surgir do marginal; muito pelo contrário, corresponde a um uso sofisticado da linguagem. Os padrões de métrica e rima constituem uma das características mais notáveis do rap, pois isso exige grande habilidade dos criadores nas escolhas linguísticas precisas e na organização harmoniosa de ideias. Isto evidencia a alta elaboração da linguagem utilizada no rap. O rap também utiliza a linguagem de forma clara e direta, o que é possível apreciar nos significados literais das letras das músicas (THOMPSON, 2005). Tais características tornam o rap um objeto de estudo singular.

⁵ No original: “(trans) formation of local realities” and global, through “linguistic practices”

⁶ No original: “politically conscious rap”

⁷ No original: “the institutional causes of violence and suffering in their communities”

⁸ No original: “to transform reality by opposing the system”

Para os fins deste trabalho, a abordagem ao Rap Social o considera como uma “área complexa de prática” (FAIRCLOUGH, 1995, p.185; nossa tradução)⁹, que exige seriedade e rigor no momento de ser tratada como um objeto de estudo. Em outras palavras, o rap deve ser entendido “como discurso” (ANDROUTSOPOULOS, 2009, p.43; nossa tradução)¹⁰ e, ao mesmo tempo, examinado como tal. Mais especificamente, o Rap Social como discurso de resistência às práticas sociopolíticas que representam, constituem e legitimam a desigualdade, deve ser tratado como *discurso político*, no sentido proposto por Chilton e Schäffner (2001).

1.3 Análise do discurso político

Diferentes propostas teóricas e metodológicas têm sido elaboradas nas últimas três ou quatro décadas para analisar o discurso político, as quais é possível sintetizar, de maneira muito geral, nas abordagens francesa (ALTHUSSER, 1970; FOUCAULT, 1971; GROUPE DE SAINT-CLOUD, 1982, 1995; PECHEUX, 1975, 1990), alemã (EHLICH, 1989; WODAK Y MENZ, 1990; SCHÄFFNER Y PORSCH, 1993) e anglo-saxônica (FOWLER et al., 1979; RICHARDSON, 1985; BLOMMAERT Y VERSCHUEREN, 1993; CHILTON, 1985, 1990; LAKOFF, 1996), sendo esta última a de características mais ecléticas e que será usada neste estudo. Especificamente, adotamos como modelo de análise aquele proposto por Chilton e Schäffner (2001), que corresponde a uma forma de análise linguística nos níveis pragmático, semântico e sintático, em sua relação com as quatro funções estratégicas características do DP: coerção; encobrimento; legitimação e deslegitimação; resistência, oposição e protesto.

Algo que deve ficar claro desde o início desta seção é que “a análise do discurso político é uma atividade na qual o analista se compromete” (CHILTON y SCHÄFFNER, 2001, p.307; nossa tradução)¹¹. Isto significa que, longe de sermos seres apolíticos, os

⁹ No original: “complex area of practice”

¹⁰ No original: “as discourse”

¹¹ No original: “el análisis del discurso político es una actividad en la que el analista se encuentra comprometido”

analistas posicionamo-nos desde a nossa realidade e as nossas convicções, sem afetar o valor acadêmico da pesquisa.

1.3.1 Níveis linguísticos

A seguir, os três níveis da língua 1) pragmático; 2) semântico e 3) sintático considerados no modelo de análise de Chilton e Schäffner (2001) serão descritos resumidamente.

O nível pragmático está diretamente relacionado com *os atos de fala*, entendidos como enunciados que representam ou incorporam ações em si mesmas. De fato, a “noção de atos de fala [...] acaba com a concepção de linguagem e ação como entidades separadas” (Chilton e Schäffner, 2002, p.310; nossa tradução)¹². Os atos de fala apresentados a seguir correspondem à classificação anteriormente realizada por Searle (1969), que pode ser muito útil quando usada a serviço da Análise do Discurso Político: representativos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos. Porém, dentro deste nível linguístico não somente os atos de fala desempenham um papel importante. A dicotomia linguagem-ação envolve a existência de papéis e relações sociais inseridos em todo discurso, e demarcados por pronomes, por exemplo: eu, você, nós, eles, etc. e suas possíveis variações.

O segundo destes níveis corresponde ao nível semântico, que estuda os significados das palavras e as relações de sentido existentes entre elas. Aqui é possível identificar o conceito de *campo léxico-semântico*, que se refere a palavras relacionadas a um elemento ou área comum que, geralmente, foram cognitivamente armazenadas dessa forma previamente (RUMELHART, 1980). As características particulares de um campo léxico-semântico são aquilo que permite sua diferenciação de outras redes ou grupos de palavras. Não é curioso que os campos léxico-semânticos estejam enraizados em aspectos sociais e culturais, e que variem de acordo com eles, pois a construção da linguagem ocorre em comunidade e reflete as diferentes experiências humanas.

Finalmente, o nível sintático está relacionado com a organização oracional, especificamente, os papéis temáticos e a topicalização. Os papéis temáticos estão ligados a

¹² No original: “La noción de actos de habla (...) termina con la concepción del lenguaje y la acción como entidades separadas”

vários elementos dentro da oração como, por exemplo, quem faz o quê, a quem, onde, por que e como. A topicalização refere-se, basicamente, à introdução de nova informação e ao lugar em que ela é apresentada dentro da oração. Formas de topicalização são os usos transitivos e intransitivos, que estão relacionados com o uso dos verbos para expressar dinamismo e temporalidade, enquanto a nominalização corresponde ao uso de substantivos que dão a sensação de imobilidade e atemporalidade.

O importante desses três níveis linguísticos é a sua relação com as diferentes funções estratégicas do discurso político. Quer dizer, as escolhas linguísticas feitas por aqueles que geram os discursos podem ser interpretadas como recursos para produzir efeitos específicos sobre aqueles que os recebem.

1.3.2 Funções estratégicas

No referente às funções estratégicas, Chilton e Schäffner (2001) mencionam que elas são uma categorização de quatro estratégias específicas usadas no DP e na sua análise: 1) coerção; 2) encobrimento; 3) legitimação e deslegitimação e; 4) a resistência, oposição e protesto.

A função estratégica da coerção baseia-se em uma série de ações, por exemplo, em determinados atos de fala envolvendo sanções e ordens, bem como certas formas de censura e restrição do acesso à informação. Também constitui uma ação coercitiva a imposição dos temas e papéis nos discursos daqueles que os emitem.

O encobrimento é uma função estratégica relacionada com o controle da informação emitida nos discursos. A intenção final daquele usando esta manobra linguística é filtrar a informação quanto à sua qualidade e quantidade, proporcionando aos ouvintes / leitores somente o que é adequado para o produtor do discurso. Isso é feito de muitas maneiras, por exemplo, através da omissão, mentira e eufemismos.

A função de legitimação e deslegitimação visa gerar dois efeitos específicos que sempre acontecem juntos. Primeiro a legitimação baseia-se no reforço da posição social de poder, fortalecendo a credibilidade de quem fala ou escreve. Segundo, a sua contraparte, a deslegitimação, consiste em apresentar de maneira negativa os outros, por exemplo, através de atos de fala como acusar, culpar e insultar.

A função estratégica de resistência, oposição e protesto é a utilizada por aqueles que se opõem às entidades e instituições que exercem o poder. Aqueles que usam essa função podem, certamente, utilizar as funções mencionadas anteriormente para contra-atacar os poderosos discursivamente. O discurso político de resistência, ao contrário do discurso oficial dos políticos e dos grupos de poder, pode gerar infinitas formas de expressão marginal, sendo um deles o rap.

2 Metodologia

O objetivo deste estudo foi analisar o discurso político dos rappers Portavoz e Subverso. Foram analisados, especificamente, os níveis linguísticos pragmático, semântico e sintático em sua relação com as funções estratégicas do discurso político. Assim sendo, esta pesquisa situa-se nos níveis descritivo e interpretativo.

2.1 Corpus

O *corpus* de análise deste trabalho foi constituído pela música de Rap Social *Dónde Empieza* (2012), escrita e interpretada pelos rappers chilenos Portavoz e Subverso, e parte do primeiro, e até agora único, disco solista de Portavoz: *Escribo Rap con R de Revolución*. A seleção do corpus deveu-se principalmente ao fato de Portavoz e Subverso serem grandes representantes do Rap Social (alternativo e de autogestão) a nível nacional, graças aos seus trabalhos individuais e coletivos. Além de solista, Portavoz é “membro do conhecido grupo de rap combativo” (GATTI, 2012; nossa tradução)¹³ Salvaje Decibel, com quem ele produziu os álbuns *Poblacional* (2007) e *Radical* (2013). Por sua vez, Subverso tem uma longa trajetória, tornando-se, inclusive, “um dos ícones do movimento estudantil” (FAJARDO, 2014; nossa tradução)¹⁴ do 2011 no nosso país. Entre suas obras estão o disco *¡Apaga la Tele!* (2006), produzido pelo duo Conspirazi3n, do qual ele fazia parte; como solista, Subverso gravou o álbum *El amor es Subversivo* (2010). Neste sentido, a música

¹³ No original: “miembro del connotado grupo de rap combativo”

¹⁴ No original: “uno de los íconos del movimiento estudiantil”

Dónde Empieza, objeto da nossa análise, unifica forças e talentos num trabalho conjunto sem precedentes de Portavoz e Subverso.

As unidades de análise deste corpus correspondem ao texto escrito, especificamente os versos. Outros elementos de tipo musical, ou de interpretação, foram excluídos, pois não estava nos nossos objetivos originais trabalhar com eles. Também, é pertinente mencionar que, embora a música esteja disponível em formato audiovisual na Internet, o vídeo não é oficial e, portanto, o que através dele se apresenta não é propriedade ou está sob a responsabilidade de Portavoz e Subverso.

2.2 Procedimentos

Reunir o *corpus* foi possível graças à disponibilidade da música no disco *Escribo Rap con R de Revolución* (PORTAVOZ, 2012). Uma vez reunido o *corpus* de análise, procedeu-se a transcrição da letra da música. Seguindo Gee (2008), o *corpus* foi dividido em versos. A seguir, foi realizada a análise desse discurso nos três diferentes níveis linguísticos descritos na seção anterior deste trabalho: pragmático, semântico e sintático. No nível pragmático foram analisados os atos de fala e o uso de pronomes; no nível semântico foram analisados os campos léxicos; e no nível sintático foram analisados os papéis temáticos e as nominalizações. Finalmente, as escolhas linguísticas realizadas nestes três níveis foram vinculadas com as funções estratégicas do discurso político.

3 Análise e interpretação dos dados

A seguir, apresenta-se e analisa-se um fragmento representativo das características mais dominantes deste discurso político de resistência.

[1] No me hablen de violencia / *Não me falem de violencia*¹⁵

[2] como si no la conociera / *como se eu não conhecesse*

[3] Autoridades condenan un tipo de violencia / *Autoridades condenam um tipo de violencia*

¹⁵ Nossa tradução.

- [4] la que atenta contra el sistema de la gran empresa / *que atenta contra o sistema da grande empresa*
- [5] contra su propiedad, sus leyes y su policía / *contra sua propriedade, suas leis e policia*
- [6] y silencia la violencia inmensa de todos los días. / *e silencia a violencia imensa de todo dia.*
- [7] Violenta es la venta de tus derechos y de hecho / *Violenta é a venda dos teus direitos e de fato*
- [8] es un robo el cobro en educación, salud y techo. / *é um roubo a cobrança na educação, saúde e teto.*
- [9] Pero eso no sale en la prensa / *Mas isso não sai na imprensa*
- [10] que trenza mensajes con eficiencia pa vencer la resistencia / *que trança mensagens com eficiencia pra vender a resistência*
- [11] Ven a dormir acá en el ghetto / *Vem dormir aqui no ghetto*
- [12] y dime si hay faceta de esta realidad concreta / *e me diz se tem faceta dessa realidade concreta*
- [13] que yo no comprendo. / *que eu não entendo.*
- [14] No les compramos cuando nos dan ese argumento / *Não acreditamos em vocês quando dão esse argumento*
- [15] que demoniza a los que están luchando por ser tan violentos / *que demoniza os que estão lutando por ser tão violentos*

3.1 Nivel pragmático

No nível pragmático é possível identificar diferentes atos de fala, mesmo como o uso de pronomes que indicam relações e papéis dentro do discurso. Estes elementos, por sua vez, podem ser vinculados às funções estratégicas do discurso político para atingir uma compreensão mais profunda das ideias e motivações principais deste discurso.

3.1.1 Atos de fala

A partir do fragmento apresentado, os versos [1], [11] e [12] constituem atos de fala diretivos, ordens, especificamente. Essas ordens são dadas para impulsionar o desempenho de certas ações, como é o caso de [11] *ven/vem* y [12] *dime/me diz*, ou parar a sua concreção, exemplificada em [1] *no me hablen/não me falem*. É importante salientar que nos três versos mencionados invoca-se os poderosos (políticos ou empresários) que desejam manter a ordem social. Embora esse apelo não seja dado explicitamente, devido ao contexto do discurso, todo o restante de possíveis participantes dentro dele fica imediatamente excluído daqueles mandatos, como pode ser visto na análise dos pronomes. Essas ordens estão diretamente relacionadas com a função de coerção, quer dizer, elas

envolvem algum grau de controle sobre as ações da pessoa que recebe o discurso, ou de quem se está falando através do mesmo.

Os atos de fala representativos também estão presentes no fragmento, e adquirem consistência através das proposições verdadeiras expressas nos versos [7], [8] e [9], onde as duas primeiras contêm a conjugação verbal *es/é*, a qual assume a existência de uma condição particular, e a terceira contém a negação *no sale/não sai*, envolve a inexistência da condição de que se fala. Através destas proposições verdadeiras, o produtor do discurso tem a intenção de ratificar-se como possuidor da verdade sobre o funcionamento escuro do sistema, e atribui-se a missão de comunicar aos dominados sobre a injustiça social da qual eles fazem parte. O último torna-se ainda mais claro no caso específico do verso [7], onde se apela diretamente a um “você” referido a todo aquele que é vítima passiva da violência institucional. A função estratégica associada a esses atos de fala é a legitimação-deslegitimação porque, por uma parte, legitimam o discurso próprio do falante, produzido desde a resistência e, por outra, deslegitimam o discurso gerado desde o circuito político, convencionalmente responsável pela produção e reprodução das condições para perpetuar o *status quo*.

Além disso, inúmeros atos de fala expressivos - acusações, especificamente - podem ser identificados dentro do fragmento. Nesse sentido, representa uma acusação em si mesmo o verso [3], reforçado ainda mais pelos versos [4], [5] e [6]. Esta acusação, expressa por meio da conjugação verbal *condenan/condenam*, faz parte de uma estratégia de deslegitimação das ações executadas pelos poderosos em favor de sua posição privilegiada dentro da sociedade. Como bem sabemos, a deslegitimação aparece sempre junto com a legitimação; portanto, os versos citados anteriormente também apontam para a legitimação do discurso contrário ao social e politicamente imposto por aqueles no poder. Da mesma maneira, [10] e [15] são versos que implicam uma acusação referente a diversas práticas permitidas e justificadas pelo sistema, cuja finalidade é manter as desigualdades. O verso [10], particularmente, refere-se ao papel da imprensa como encobridor de verdades e como cúmplice de um sistema totalmente articulado para manter a ordem estabelecida, expressado neste discurso através da conjugação *trenza/trança*. A respeito do verso [15], que contém a forma verbal *demoniza*, os poderosos são indicados como usando uma

linguagem negativa para se referir àqueles que lutam por uma sociedade melhor. Mais uma vez, esses versos estão fortemente ligados à função de legitimação-deslegitimação que caracteriza o discurso político, para validar o discurso da resistência, e diminuir a credibilidade do discurso emitido desde a esfera política e dos grupos de poder

3.1.2 Pronomes

As relações linguístico-sócio-políticas, que surgem entre os envolvidos nesse discurso, são representadas através do uso de pronomes. Isto significa que os pronomes e suas diferentes manifestações são responsáveis por atribuir funções e definir espaços. Quando falamos sobre participantes, referimo-nos àqueles que estão produzindo o discurso, com quem os produtores se identificam, a quem eles se opõem, a quem vai dirigido o discurso, etc.

Primeiro, é necessário começar com os usos de “yo”/“eu” e “nosotros”/“nós” que ajudam a legitimar a posição do falante e do grupo social com qual ele se identifica. A primeira pessoa do singular é usada nos versos [1] em sua variante *me/me*, [12] na conjugação verbal *dime/me diz* e [13] com o pronome pessoal *yo/eu*, o que legitima imediatamente o falante como o produtor do discurso. Junto com o anterior, a primeira pessoa plural no verso [14] na sua variante *nos*, reúne o falante e o grupo social com qual ele se identifica, neste caso, os dominados, aqueles sem poder. Esta autoinclusão implica a legitimidade desse grupo e afirma a sua posição dentro do marco social.

Para se referir às autoridades, políticos, empresários, enfim, aos poderosos, o falante usa o “tú”/“você”, “ustedes”/ “vocês” e “ellos”/ “eles”, marcando imediatamente uma distância e um papel diferente. Os versos [11] e [12] usam a segunda pessoa do singular de maneira implícita nos imperativos *ven/vem* e *dime/me diz*, respectivamente. Aqui se apela ao poderoso, se poderia estar inclusive invocando Sebastian Piñera, como produtor de um discurso inicial que teria dado lugar a esta resposta possível. Além disso, no verso [1] a terceira pessoa do plural é utilizada para se referir aos poderosos e em [5] e [14] é possível apreciar a utilização do possessivo *su/seu* com o mesmo objetivo. Resumindo, todos os usos de pronomes referentes àqueles que estão no poder estão diretamente relacionados com a função estratégica da deslegitimação.

Os pronomes “tú”/“você” e “ellos”/“eles”, além de estarem ligados com os poderosos dentro desse discurso, também se referem aos dominados, como por exemplo no verso [7] através do possessivo *tus/seus* e no verso [15] quando o falante diz *los/os*. Esses usos, ligados diretamente com os atos de fala anteriormente analisadas para estes versos, têm como função deslegitimar o discurso dos poderosos e legitimar aquele dos dominados.

Como foi apresentado, o uso de pronomes atribui papéis e relações sociais que podem ser associados com a função estratégica de legitimação-deslegitimação. No entanto, a imposição de tais funções dentro do discurso envolve também a função de coerção, uma vez que, de maneira arbitrária, coloca os diferentes atores em certas áreas do marco social.

3.2. O nível semântico

No nível semântico, destaca-se o campo léxico-semântico da *violência institucional*. Devido a sua apresentação particular, pode-se vislumbrar um padrão mental-emocional da violência, ligado ao estrutural ou institucional, quer dizer, o fragmento apresenta a violência como equivalente à desigualdade produzida, reproduzida e legitimada pelos grupos de poder. Isso não significa que Portavoz e Subverso tratam apenas este conceito de violência, mas que dentro da ampla categoria da violência, incorporaram a violência institucional como uma das muitas manifestações que pode apresentar, e que se torna importante devido às suas consequências sobre o nível social.

O campo semântico indicado antes pode ser visto nos versos [1] e [2], onde o falante começa legitimando a sua visão particular da *violência*, sem ainda se aprofundar nela. Os versos [3], [4] e [5], por sua vez, deslegitimam a maneira como a violência é compreendida e apresentada pelos poderosos, isto é, a violência de um grupo social submetido quando emerge num sistema de opressão e segregação. Elementos léxico-semânticos relevantes em [3], [4] e [5] são, portanto, *autoridades/autoridades*, *grandes empresas/grandes empresas*, *propiedad/propriedade*, *leyes/leis* e *policía/policia*, que permitem visualizar mais claramente a sofisticada articulação de um sistema que sustenta o fato de alguns poucos cuidarem dos seus interesses em detrimento da maioria. O verso [6], que termina a estrofe, enfatiza a invisibilidade da violência institucional e, portanto, usa

mais uma vez a função estratégica de legitimação-deslegitimação. Nos versos [7] e [8] o falante deslegitima a violência institucional presente no modelo socioeconômico vigente, que permite o *cobro/cobrança*, ou melhor dito *lucro/lucro*, a partir das necessidades básicas das pessoas, restringindo, portanto, o acesso das pessoas sem recursos econômicos.

As palavras em destaque em itálico, nesta seção, correspondem a uma rede semântica, em estreita relação com a *violência institucional* que mobiliza o conteúdo e argumento deste discurso. Claramente, estas escolhas linguísticas mostram uma ordem social estabelecida e mantida pelos poderosos em benefício de si mesmos, seus grupos e instituições, o que é fortemente criticado pelos produtores deste discurso político de resistência.

3.3 Nível sintático

No tocante à sintaxe, é necessário analisar os versos [7] e [8], porque eles contêm uma alteração evidente na ordem da oração. Nos dois casos, sujeito e predicado sofreram uma inversão.

Em [7], expressando *violenta es/violenta é*, destaca a violência a partir do momento em que ela é posicionada como o primeiro elemento; mas essa estrutura da frase também transmite um contraste, o que legitima assim a ideia de violência contida neste verso e deslegitima qualquer outra definição feita por alguém. Até agora sabemos o que acontece, a *la venta/venda*, e a quem isso afeta, *tus derechos/seus direitos* (a você, sujeito dominado). No entanto, o verso não explicita quem executa a ação, porque de fato, a *la venta/venda* corresponde a uma nominalização que dá uma sensação estática e atemporal. Em [8] acontece algo muito semelhante, porque quando o falante diz *es un robo/é um roubo*, destaca roubo sobre o resto dos elementos da oração e também é possível visualizar um *que*, correspondente ao *cobro en salud, educación y techo/cobrança em saúde, educação e teto*. No entanto, do ponto de vista da topicalização, o verbo “roubar” foi nominalizado, e a partir do ponto de vista dos papéis temáticos foi omitido quem faz e quem recebe a ação.

Embora essas escolhas linguísticas (congelar a ação, omitir quem a realiza e recebe) pudessem se relacionar com a função estratégica do encobrimento, rejeitamos essa

possibilidade pelas duas razões seguintes. Em primeiro lugar, é necessário reiterar que ao longo de todo esse discurso fala-se diretamente dos poderosos através do uso de pronomes e atos de fala, segundo analisado no nível pragmático, e até mesmo mencionam-se as *autoridades/autoridades* abertamente em [3]; também, identificam-se e legitimam-se claramente os dominados, pelo que esta omissão específica não constitui uma forma de encobrimento. Um segundo argumento tem a ver com o fato de o rap, como revisado no nosso marco teórico, ser regido por padrões de rima e métrica que permitem a ele brincar com a linguagem e usar recursos que em outros contextos seriam interpretados de maneira diferente; no entanto, aqui foi tratado um discurso político, que é essencialmente rap e que mantém suas características musicais e linguísticas particulares.

Resumindo, uma interpretação possível seria que a razão mais importante para gerar estas construções gramaticais é a produção de rimas, processo que, de maneira não intencional, intervém a ordem lógica da oração. Em outras palavras, a técnica utilizada por Portavoz e Subverso em [7] e [8] estaria distante do encobrimento como função estratégica empregada pelos poderosos para manipular a informação e enganar os seus leitores / ouvintes.

3.4. Funções estratégicas

As funções estratégicas implementadas no discurso, e identificadas através da análise linguística, são a legitimação-deslegitimação e a coerção. É possível também reconhecer a função de resistência, oposição e protesto, cuja expressão é dada na transversalidade dos recursos linguísticos, ao estar incorporada na produção e conteúdo do próprio discurso como um discurso político de resistência perante os grupos de poder. Como foi discutido na seção referente ao modelo de análise de Chilton e Schäffner, as funções estratégicas do DP são quatro, das quais três estão presentes no discurso estudado e, portanto, a função de encobrimento não faz parte do repertório de estratégias usadas pelos rappers Portavoz e Subverso. Isso poderia ter a sua origem no fato de o encobrimento ser uma utilização opaca da linguagem, usada pelos poderosos para legitimar suas práticas negativas e manter o *status quo*. Muito pelo contrário, o Rap social, como discurso político

de resistência, utiliza a linguagem de maneira clara, direta e, portanto, evitaria o encobrimento. Em outras palavras, *Dónde Empieza*, objeto da nossa análise, estaria agindo como um discurso de denúncia explícita, que não esconde, que não omite, que não dissimula, mas que revela brutalmente os fatos de uma realidade social injusta e aponta á quebra definitiva da ordem social estabelecida.

Conclusões

O objetivo desta pesquisa foi identificar as escolhas linguísticas de Subverso e Portavoz na música de Rap *Dónde Empieza* e relacionar tais escolhas com as funções estratégicas do discurso político.

Os resultados mostram que Subverso e Portavoz realizam diferentes escolhas linguísticas em seu discurso. No nível pragmático, usam atos de fala diretivos, representativos e expressivos, mesmo como os pronomes *yo/eu, tú/você, nosotros/nós e ustedes/vocês*; no nível semântico fazem uso do campo léxico-semântico da violência institucional; e no nível sintático são empregadas a inversão do sujeito e do predicado, e a nominalização. Tais escolhas linguísticas estão relacionadas com três das quatro funções estratégicas do discurso político: legitimação-deslegitimação, coerção e resistência, oposição e protesto. Portanto, o encobrimento não se constitui como uma função usada pelos Rappers produtores de *Dónde Empieza*.

Esses resultados indicam que o uso das funções de legitimação-deslegitimação, coerção e resistência, oposição e protesto, juntamente com a exclusão da estratégia de encobrimento, e o consequente uso de linguagem clara neste discurso político de resistência, apontaria para a desarticulação da ordem social estabelecida. De fato, Portavoz e Subverso apresentam-se como potenciais atores políticos que salientam as desigualdades do atual sistema sócio-político-económico e que promovem a consciência crítica nos dominados através de um discurso político-transformador direto, indicando assim uma postura desafiadora ~~de~~ ao *status quo*, que os poderosos procuram incansavelmente manter.

Seria particularmente interessante aumentar o escopo deste trabalho através do estudo de um corpus maior, talvez adicionando dados quantitativos que ofereçam uma

visão mais ampla do fenômeno do Rap social como discurso político de resistência. Por enquanto, esta pesquisa traz uma pequena contribuição para a área de análise do discurso político, no seu sentido mais amplo, e pode ser útil para aqueles interessados na análise do discurso, no discurso político, no Hip Hop e Rap, ou nas expressões de caráter marginal.

REFERÊNCIAS

ALIM, H. S. *Roc the Mic Right: The Language of Hip Hop Culture*. New York: Routledge, 2006a.

_____. The Natti Ain't no Punk City: Emic Views of Hip Hop cultures. *Callaloo*, n.29 (3), pp.969-990, 2006b.

_____. Introducción: Straight Outta Compton, Straight aus München: Global Linguistic Flows, Identities, and the Politics of Language in a Global Hip Hop Nation. En: ALIM, H.S., IBRAHIM, A. y PENNYCOOK, A. (Eds.). *Global linguistic flows*. New York: Routledge, 2009, p.1-22.

ALTHUSSER, L. *Essays on Ideology*. Londres: Verso, 1970.

ANDROUTSOPOULOS, J. Language and the Three Spheres of Hip Hop. En: H.S.ALIM, H.S., IBRAHIM, A. y PENNYCOOK, A. (Eds.), *Global Linguistic Flows*. New York: Routledge, 2009, pp.43-62.

BLOMMAERT, J. e VERSCHUEREN, J. The Rhetoric of Tolerance or, What Police Officers Are Taught about Migrants. *Journal of Intercultural Studies*, n.14 (1), pp.49-63, 1993.

BOLÍVAR, A. La lectura del discurso político. Em *Lingüística y Interdiscipliniedad: Desafíos del nuevo milenio*. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso de la UCV. p.309-333, 2002.

_____. Dialogue and Confrontation in Venezuelan Political Interaction. Em: van DIJK, T.A. (Ed.), *Discourse studies vol.1* London: Sage Publications Ltd., 2007, pp.262-274.

CHILTON, P. Words, Discourse and Metaphors: the Meanings of Deter, Deterrent and Deterrence. Em: CHILTON, P. (Comp.), *Language and the Nuclear Arms*. Debate. Londres: Pinter, 1985, pp.103-127.

_____. Politeness and Politics. *Discourse and Society*, n.1 (2), pp.201-224, 1990.

CHILTON, P. e SCHÄFFNER, C. Discurso y Política. Em: VAN DIJK, T.A. (Ed.), *El discurso como interacción social* Barcelona: Gedisa, 2001, pp.279-329.

_____. Introduction: Themes and Principles in the Analysis of Political Discourse. In: CHILTON, P. and SCHÄFFNER, C. (Eds.). *Politics as Text and Talk: Analytic Approaches to Political Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2002, pp.1-41.

CONSPIRAZIÓN. *Apaga la tele!* [CD]. Santiago, 2006.

- DIMITRIADIS, G. *Performing Identity/Performing Culture: Hip-Hop as Text, Pedagogy, and Lived Practice*. New York: Peter Lang, 2001.
- DORNA, A. Estudios sobre el discurso político: El papel persuasivo de las figuras retóricas y de la gestualidad. *Psicología Política* n.6, p.117-128, 1993.
- EHLICH, K. *Sprache im faschismus*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London: Longman, 1989.
- _____. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995.
- FAJARDO, G. Subverso: El narrador urbano más implacable de la cultura no oficial. *El Mostrador*, Santiago. 2014. Disponível em: [<http://www.elmostrador.cl/cultura/2014/11/14/subverso-el-narrador-urbano-mas-implacable-de-la-cultura-no-oficial/>] Acesso en: 03 Julio 2016.
- FOUCAULT, M. *L'Ordre du discours*. París: Gallimard, 1971.
- FOWLER, R., HODGER, B., KRESS, G. e TREW, T. *Language and Control*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.
- GATTI, E. Entrevista a Portavoz, um MC que escreve Rap com R de Revolução. *Solidaridad*, Santiago. 2012. Disponível em: [<http://periodico-solidaridad.blogspot.cl/2012/07/entrevista-portavoz-un-mc-que-escribe.html>] Acesso en: 03 Julio 2016.
- GEE, J.P. *Social Linguistics and Literacies. Ideology in Discourses*. Londres: Routledge, 2008.
- GROUPE DE SAINT-CLOUD. *La parole syndicale: étude du vocabulaire confédérale des centrales ouvrières françaises (1971-1976)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- _____. *Présidentielle: regards sur les discours télévisés*. Paris: INA-Nathan, 1995.
- GUTIÉRREZ, S. Discurso político y argumentación. En: *Tercer Coloquio Latinoamericano de Estudios del Discurso*, 3, 1999, Santiago. *Discurso para el cambio*. Santiago: Universidade do Chile e Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2002, p.1-11.
- LAKOFF, G. *Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals Don't*. Chicago: Chicago University Press, 1996.
- MEYENBERG, Y. y LUGO, J.A. *Palabra y poder*. Manual del discurso político. México: Grijalbo, 2011.
- PARDUE, D. Putting *Mano* to Music: the Mediation of Race in Brazilian Rap. *Ethnomusicology Forum*, n.13 (2), pp.253-286, 2004.
- _____. Brazilian Hip-Hop Material and Ideology: A Case of Cultural Design. *Image & Narrative*, n.5 (2), 2005.
- PÊCHEUX, M. *Les Vérités de la Palice: linguistique, sémantique, philosophie*. Paris: Maspéro, 1975.

_____. *L'Inquiétude du discours: textes choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris: Editions des Cendres, 1990.

PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. London: Routledge, 2007a.

_____. Language, Localization, and the Real: Hip-Hop and the Global Spread of Authenticity. *Journal of Language, Identity, and Education*, n.6 (2), pp.101-115, 2007b.

PERRY, I. *Prophets of the Hood: Politics and Poetics in Hip Hop*. Durham, NC: Duke University Press, 2004.

PORTAVOZ. *Escribo rap con r de revolución* [CD]. Santiago: Texas Studio, 2012.

PORTAVOZ e SUBVERSO. *Dónde empieza*, En: PORTAVOZ. *Escribo rap con r de revolución* [CD]. Santiago: Texas Studio, 2012.

PUNTAJE, D. y MORALES, E. Discurso político en la actual democracia española. *Discurso* n.21, p.39 -75, 1996.

RICHARDSON, K. Pragmatics of Speeches Against the Peace Movement in Britain: A Case Study. En: CHILTON, P. (Comp.), *Language and the Nuclear Arms Debate: Nukespeak Today*. Londres: Pinter, 1985, pp.23-44.

RICHARDSON, E. *Hiphop Literacies*. London: Routledge, 2006.

ROTH-GORDON, J. Conversational Sampling, Race Trafficking, and the Invocation of the Gueto in Brazilian Hip Hop. En: ALIM, H.S., IBRAHIM, A. y PENNYCOOK, A. (Eds.). *Global Linguistic Flows*. New York: Routledge, 2009, pp.63-78.

RUMELHART, D. Schemata: The Building Blocks of Cognition. In: SPIRO, R., BRUCE, B. y BREWER, W. (Eds.). *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1980, pp.33-58.

SALVAJE DECIBEL. *Poblacional* [CD]. Santiago, 2007.

_____. *Radical* [CD]. Santiago: Texas Studio, 2013.

SCHÄFFNER, C. y PORSCH, P. Meeting the Challenge on the Path to Democracy: Discursive Strategies in Governmental Declarations. *Discourse and Society*, n.4 (1), pp.33-55, 1993.

SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. New York: Cambridge University Press, 1969.

SUBVERSO. *El amor es subversivo* [CD]. Santiago, 2010.

THOMPSON, S. L. Knowwhatumsayin'? How Hip-Hop Lyrics Mean. In: DARBY, D. and SHELBY, T. (Eds.). *Hip-Hop and Philosophy*. Chicago: Open Court, 2005, pp.119-132.

VAN DIJK, T.A. Politics, Ideology and Discourse. In: WODAK, R. (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2004, pp.728-740.

_____. *Racism and Discourse in Spain and Latin America*. Amsterdam: Benjamins, 2005.

WODAK, R. ; MENZ, F. (Comps.) Sprache in der politik – politik in der sprache: analysen zum öffentlichen sprachgebrauch. Klagenfurt: Drava, 1990.

Traduzido por Adrián Rivera Contreras – ling.integral@gmail.com

Recebido em 16/04/2016

Aprovado em 20/03/2017